

Tamanho de territórios do bicudinho-do-brejo *Formicivora acutirostris* (Aves: Thamnophilidae)

Maria F. F. Rivas, Giovanna Sandretti-Silva, Larissa Teixeira, Marcos R. Bornschein, Câmpus do Litoral Paulista, Instituto de Biociências, Departamento de Ciências Biológicas e Ambientais, Ciências Biológicas, fernanda.rivas@unesp.br, marcos.bornschein@unesp.br, PIBIC.

Palavras Chave: brejos de maré, densidade, mudanças climáticas.

Introdução

Território é uma área defendida contra intrusos da mesma espécie e que forneça recursos e proteção aos ocupantes¹. O tamanho do território varia conforme as provisões do ambiente e conhecer as suas dimensões por condição do ambiente é uma etapa importante para entender os requisitos ecológicos da espécie². Adicionalmente, as informações de densidade são um dos caminhos para se poder avaliar o *status* de conservação das espécies³. O bicudinho-do-brejo (*Formicivora acutirostris*) é um dos dois únicos membros da sua família que habita brejos, sendo considerado ameaçado de extinção pela reduzida distribuição geográfica e constante perda de ambiente, por exemplo pela invasão de capins africanos⁴.

Objetivo

Estimar o tamanho de territórios de *Formicivora acutirostris* em diferentes ambientes.

Material e Métodos

O estudo foi conduzido na baía de Guaratuba, litoral sul do Paraná, em quatro locais: ilha do Jundiaquara (11,4 ha; 25°52'25"S, 48°45'31"O; brejo de maré); confluência do rio Claro no rio São João ("Continente"; 8,3 ha; 25°52'23"S, 48°45'39"O; brejo de maré); ilha da Folharada (16,3 ha; 25°51'58"S, 48°43'22"O; brejo de maré); e Lagoa do Parado (6,7 ha; 25°44'37"S, 48°42'51"O; caxetal com herbáceas). Os trabalhos de campo foram efetuados de 2006-2013, porém nem todos os locais foram amostrados todos os anos: um ano na Lagoa do Parado e Continente, dois na ilha da Folharada e quatro na ilha do Jundiaquara. Anilhamos todos os indivíduos de *F. acutirostris* das áreas estudadas, com combinações únicas de cores para permitir a identificação individual. Efetuamos campos mensais, de 5-30 dias de duração, tendo de 3-6 integrantes. Observamos do amanhecer ao anoitecer, exceto das 13:00-16:00. Despendemos de 2-4 horas por território por mês, seguindo os membros do casal e anotando pontos de ocorrência ou os seus percursos. Para tal, utilizamos como referência um grid de estacas numeradas sequencialmente, georreferenciadas, fixadas no ambiente a cada 25 m e GPS. Plotamos todos os

pontos e percursos no Google Earth, para a delimitação das áreas de vida. Nos locais de sobreposição de áreas de vida, efetuamos testes de playback em campo para determinar qual casal era o territorial. Subtraímos as áreas de sobreposição dos casais não territoriais, gerando polígonos de territórios. Mensuramos os polígonos de territórios, no Google Earth, gerados com 12 meses de dados.

Resultados e Discussão

Monitoramos 147 indivíduos e 12-42 territórios por ano. Estimamos tamanhos médios do território tão reduzidos quanto 0,69 ha ou tão grandes quanto 1,22 ha em brejo de maré, além da média de 0,79 ha em caxetal com herbáceas. Os tamanhos de territórios no brejo de maré diferiram entre ilha do Jundiaquara mais Continente em comparação com os da ilha da Folharada ($p < 0,001$; Mann-Whitney). Variação similar em tamanhos de territórios foi detectada em outras espécies da família, assim como a estabilidade dos territórios. A diferença em tamanho de territórios em brejos de maré sugere algum efeito ambiental restritivo.

Conclusão

Os tamanhos dos territórios no brejo de maré variaram de acordo com a posição atitudinal da planície de maré. A ilha da Folharada está em menor altitude, inundando por mais tempo e por maior altura de maré e a ilha da Jundiaquara mais Continente estão em maior altitude, inundando menos tempo e por menor altura de maré. Isso sugere um efeito restrito causado pelo alagamento, o qual indisponibiliza ambiente para a espécie, submerso temporariamente. A mudança climática pode gerar um efeito de redução da densidade da espécie, pelo aumento do nível do mar e consequente aumento do tamanho dos territórios.

Agradecimentos

Ao PIBIC (processo nº 4648).

1 Brown, J. L. e Orians G. H. *Annual Review of Ecology and Systematics*. 1970, 1, 239-262.

2 Duca, c.; Guerra, T. J. e Marini, M. Á. *Re. Bras. Zool.* 2006, 23, 3, 692-698.

3 IUCN. 2012.

4 Reinert, B. L. *Ph.D. thesis, Universidade Estadual Paulista*. 2009.